



SCINTILLA

REVISTA DE FILOSOFIA E MÍSTICA MEDIEVAL

ISSN 1806-6526

Scintilla, Curitiba, vol. 7, n. 1, p. 1-168.
jan./jun. 2010

Instituto de Filosofia São Boaventura – IFSB
Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval – SBFM

Curitiba PR
2010



VIDA ATIVA – COMENTÁRIO DE UM TEXTO DO BEATO EGÍDIO DE ASSIS *

Hermógenes Harada

1. Texto

O texto a ser comentado é medieval. É atribuído a frei Egídio de Assis e se intitula: *Da vida ativa*¹. Diz frei Egídio da vida ativa:

Ninguém ouse aproximar-se da vida contemplativa se antes não se exercitou fiel e devotamente através da vida ativa. Por isso, é necessário estar no uso da vida ativa com empenho e com toda solicitude.

* Publicação póstuma.

1. Cf. EGÍDIO DE ASSIS, *Dicta Beati Aegidii Assisiensis*. 2ª edição, Ad Claras Aquas, Quaracchi– Firenze 1939, p. 51-52. A tradução em português de *Dicta Beati Aegidii Assisiensis* se encontra em: “Vida do Bem-aventurado frei Egídio”; “Vida de frei Egídio – Homem santíssimo e contemplativo”; “Ditos do Bem-aventurado frei Egídio”; “Vida de frei Junípero”, in: *Fontes Franciscanas* 4, Santo André: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 2001; ...Beato frei Egídio de Assis foi um dos primeiros companheiros de São Francisco de Assis. Foi camponês. Possuía uma pequena propriedade nos arredores de Assis. Nunca aprendeu a ler e a escrever. Conservou por toda a vida o modo de ser tosco, sóbrio, simples e autêntico do campo. Tornou-se companheiro de São Francisco no ano de 1209. Faleceu em Perugia no dia 23 de Abril de 1262. Segundo o prefácio dos padres editores do *Dicta Beati Aegidii Assisiensis*, Egídio, “embora mal dado aos estudos, pela assídua contemplação das coisas celestiais, e pelo amor divino no qual ardia, hauriu aquela plenitude da santa sabedoria que foi de admiração para o mundo”. Os *Ditos do Beato Egídio de Assis* é coleção das palavras e orientações de Egídio sobre a espiritualidade, transmitidas pelos confrades, seus discípulos. Mais detalhes acerca da vida de frei Egídio e Os Ditos, veja a bibliografia fornecida por Lothar Hardick em: *Leben und “Goldene Worte” des Bruders Aegidius*, Werl/Westf.: Dietrich-Coelde-Verlag, 1953; por Leonardus Lemmens, em: *Documenta Antiqua Franciscana*, Pars I. Scripta Fratris Leonis, Socii S. Patris Francisci, Ad Claras Aquas (Quaracchi), ex typographia collegii S. Bonaventurae 1901.

É de boa vida ativa, aquele que, se fosse possível, alimentava e vestia todos os pobres desse mundo, lhes dava em abundância tudo que lhes fosse necessário e construía todas as igrejas, todos os hospitais e pontes deste mundo. E então, se, depois de tudo isso, fosse tido por homem mau por todos os homens deste mundo, e ele, sabendo muito bem disso, não quisesse ser tido senão por mau, se após tudo isso – e por causa de tudo isso não se afastasse da boa obra, antes, pelo contrário, se exercitasse com mais fervor em toda e qualquer obra como aquele que não quer nem deseja e nem espera nenhum mérito nesse mundo – tendo os olhos fixos no exemplo de Marta que, solícita em servir bem ao Senhor, d’Ele recebe reprimenda, ao pedir a ajuda da irmã. E, no entanto, não deixou de fazer a boa obra. Assim, também o bom ativo não deve deixar a boa obra por nenhuma reprimenda nem por nenhum desprezo. Pois ele não espera nenhum prêmio terreno, mas sim, o eterno.

Se encontra graça na oração, reza; se não encontra graça, reza, porque Deus também aceitava pelos das cabras no holocausto (Ex 25,4).

2. Comentário

A *vida ativa* se distingue da *vida contemplativa* de vários modos.

Hoje, usualmente, a *vida ativa* é colocada ao lado da *vida contemplativa* se não como oposta, ao menos como distinta, ou no melhor dos casos como complementar. Nessa última acepção é famosa a expressão beneditina: *ora et labora*. Como em todos os binômios desse tipo, o pivô da questão está no termo de ligação *et*. Nessa presente interpretação do dito de frei Egídio, entendemos a relação *vida ativa e vida contemplativa*, portanto o conjuntivo *e* não como relação de oposição nem de complementação, mas sim de *identificação diferencial*².

² Identificação diferencial significa ser o *mesmo* (idem) na diferença. *Mesmidade* não é *igualdade*. Esta é uma categoria somente válida para o ente que vem ao nosso encontro a partir e dentro do horizonte do sentido do ser usualmente dito pelo termo *coisa*, *objeto*, *algo*. Quando se trata, porém, de “coisa” do ser da profundidade humana, o contacto de duas ou mais dimensões na sua possibilidade se dá na identificação no mesmo. Aqui cada dimensão, em vez de perder sua diferença numa igualdade “co-

Nesse sentido, tentemos escutar o que Egídio diz: “*Que ninguém ouse se aproximar da vida contemplativa, se antes não se exercitou fiel e devotamente através da vida ativa. Por isso, é necessário estar no uso da vida ativa com empenho e toda solitudine*”.

Não ouse é alerta, “imperativo” de chamada de atenção: é admoestação e exortação. Aqui é um alerta para o risco. Risco de encetar uma caminhada cheia de perigos. É um alerta, porém, para quem já está decidido a lançar-se livremente, como *opção de uma vocação*, isto é, com *inteligência e vontade* para dentro do *gênero de vida* denominado *vida contemplativa*. Portanto é um alerta que apela para a *compreensão da inteligência e decisão da vontade* de quem, livremente por opção de uma vocação, está prestes a entrar pelo “cano” de um perfazer-se no percurso do caminho, isto é, na história da vida chamada *vida contemplativa cristã*³. Aqui, em Egídio, que foi um frade, seguidor de São Francisco, que por sua vez foi seguidor de Jesus Cristo, quando se fala de *vida e opção* de vida, devemos entender esses termos *dentro da mundividência* medieval cristã. *Vida* significa aqui o mesmo que *existência*, na acepção da palavra, quando queremos indicar a *vida* de alguém que doa a uma *causa* toda a sua vida, em tudo que pensa, sente, faz e é, engajando todas as suas potencialidades, inteligência, sentimento e vontade; e vê nessa causa o sentido do seu viver. Assim, livremente, isto é, com a compreensão da inteligência e decisão da vontade, assume a *existência*, incluindo todas as implicações que um tal destinar-se, um tal historiar-se possa acarretar, disposto a não olhar para trás, mas ir até o fim⁴, jamais se negando a si na decisão da afirma-

—
 mum” de uma classificação generalizante, se perfila na diferença que é profundidade da identidade de cada dimensão. E nessa identidade da profundidade de si mesma, cada dimensão co-entoa a ressonância da diferença da(s) outra(s) no toque da mesma percussão do abismo de possibilidade de ser.

3. Encetar o caminho da *vida cristã* é decisão de um engajamento todo próprio que tem o característico de “entrar por um cano”, isto é, não admite alternativa de escolha a partir de uma posição neutra.

4. Per-fazer-se, isto é, fazer-se, tornar-se através de, perseverando até o fim.

ção positiva e cordial da sua in-serção. É nessa acepção que temos expressões como: existência religiosa, existência científica, existência humanitária. Dito de outro modo, o termo *vida* deve ser, aqui em Egídio, entendido não biologicamente, nem psico-somaticamente, mas *existencialmente*. Dentro dessa perspectiva da mundividência medieval cristã, *opção* não é simplesmente uma *escolha* do sujeito-eu, mas sim *disposição de doação total* a um apelo, a uma convocação, não para *ideal, meta* ou *objetivo*, mas sim para *vocação*, isto é, literalmente *chamamento* que *chama*, num imperativo categórico todo próprio: *vem, segue-me*, convocação *vinda de uma pessoa* que nessa mesma mundividência medieval cristã se chama *Jesus Cristo*, um *Deus feito Homem*⁵. Por isso, acima usamos a expressão *opção de uma vocação*.

O alerta, expresso na formulação negativa *ninguém ouse*, é uma convocação positiva: de assumir para valer o trabalho de se aviar devidamente no caminho a seguir. O modo de agir, o destinar-se ou historiar-se na vida como num trabalho artesanal no perfazer-se⁶ de uma obra perfeita se chama em Egídio, *ciência útil*⁷. Ciência aqui significa um *saber* colocar-se retamente na abordagem de uma tarefa e na elaboração de sua obra. Esse modo de saber o que e o como trabalhar numa obra se chama em latim *ars*, em grego *téchne*; e fazer uma obra, *práttein*,

5. Independentemente de, se aceitamos ou não tal mundividência cristã, é de importância decisiva ver toda essa implicação existente no pano de fundo do pensamento medieval, que no seu tom fundamental se tinha por cristão. Do contrário, não conseguimos ver claro a lógica desse modo de ser e pensar. Aqui *Deus feito homem* não deveria ser entendido como meta-física da divinização do homem, mas como humanização de Deus.

6. Perfeição diz *per-feição*, isto é, o que foi feito num perfazer, isto é, atravessando (per) todas as vicissitudes do caminho, a saber, iniciar-se, crescer e se consumir, de tal modo que o que foi iniciado chegue ao seu acabamento: à *perfeição*. Esse modo de fazer é sempre um perfazer-se. No perfazer-se ou na ação do *caminho da per-feição* nenhuma energia se esvai no desgaste de um trabalho *transitivo*, isto é, que passa toda a sua energia só para dentro do objeto ou objetivo de busca, mas cada vez e sempre de novo tem o seu retorno no crescimento de quem trabalha.

7. Cf. EGÍDIO DE ASSIS, *op. cit.* p. 55-57.

donde vêm *práxis, prática e pragma* (obra). Aqui a ciência está intimamente ligada à prática e vice-versa. De tal modo que *ciência e prática* parecem ser dois momentos de uma mesma ação. Para nós, hoje, a teoria e a prática estão separadas. A prática pertence à ação, a teoria, à intelecção. Pela intelecção sabemos da coisa. Pela ação a realizamos. E dizemos: não basta saber, o que importa é fazer, realizar. E, de imediato e na maioria dos casos, por saber a gente entende informar-se, possuir muitas informações sobre uma coisa. Nessa colocação o que custa não é tanto o saber, mas sim o fazer. Por isso, se diz freqüentes vezes: chega de teoria, é necessário a prática! O que vale a teoria, se não se alcança a realidade?

Frei Egídio foi analfabeto. Não era culto nem estudado. Foi camponês. E saiu da labuta do campo, para seguir São Francisco de Assis. Dele, portanto, é de se esperar que faça apologia do *fazer* contra o *saber* e *falar* muito *sobre*. Conta-se, pois que, “*ao ouvir de um certo dono de uma vinha, junto da qual habitava, a palavra Faite dita contra os trabalhadores da vinha, saindo da cela, gritava no fervor de espírito: Ouvi, irmãos, a palavra que deve ser: faite, faite, no parlare* (façam, façam, não falem!)”⁸. E, numa outra ocasião, ensinou a um pregador a dizer na praça de Perusa: “*Bo, bo, molto dico, poco fo* (Bah, bah! Muito digo, pouco faço!)”⁸. Entretanto... quando se trata de *vida* (leia-se *existência*) *contemplativa*, o Egídio analfabeto, ignorante do saber e da ciência, apela de modo insistente à compreensão da inteligência e decisão da vontade: “*Que ninguém ouse se aproximar da vida* (leia-se *existência*) *contemplativa se antes não se exercitou fiel e devotamente através da vida* (leia-se *existência*) *ativa. Por isso, é necessário estar no uso da vida ativa com empenho e toda solitudine*”. É importante aqui observar que a *vida* (leia-se *existência*) *ativa* no ativo do seu fazer deve ser uma etapa para a *vida* (leia-se *existência*) *contemplativa*. Nessa perspectiva, podemos suspeitar que a existência contemplativa, longe de ser pouco,

8. Cf. EGÍDIO DE ASSIS, *op. cit.* p. 91-92.

menos ou nada ativa, requer vigência de uma *atividade* que transcende a excelência do ativo da existência ativa? Daí, a conclusão: antes de ir para a contemplação, é necessário, é indispensável ter se *exercitado fiel e devotamente*. Mas observemos: não *na* vida ativa mas *através* (per) *da vida ativa*, isto é: estar *no uso da vida ativa com empenho e toda solícitude*.

O que é, porém, *exercício fiel e devoto*? Exercitar-se pouco ou nada tem a ver com adestrar-se. Adestramento é o que fazemos com o ente cujo horizonte do sentido do ser está no nível do modo de ser da energética *vegetal* ou *animal*. Aqui se constrói em cima da força espontânea “natural”, digamos “instintiva”, ainda no estado primitivo, para tirar dela o desenvolvimento máximo, optimal, através de infindas repetições do reflexo condicionado, através de malhações, dirigidas para um determinado objetivo, prefixado de antemão como meta. O adestramento pode ser aplicado também ao ser humano, mas nesse caso tanto a inteligência como a vontade estarão reduzidas ao modo de ser da “racionalidade cerebral”, isto é, do potencial de energia psico-somática mais desenvolvido no processo de evolução da energia vegetal, para energia animal, da energia animal para energia cérebro-racional etc.⁹

Mas, há pouco, acima, não cometemos um erro, ao afirmar: quando se trata de *vida* (leia-se *existência*) contemplativa, o Egídio analfabeto, ignorante do saber e da ciência, apela de modo inequívoco à *compreensão da inteligência e decisão da vontade*? Não é assim que o texto de Egídio nos alerta a nos exercitarmos fiel e devotamente através *da vida ativa* e assim estarmos *no uso da vida ativa* com empenho e solícitude? Não fala nada da *compreensão da inteligência e decisão da*

9. Esse encaixe da *inteligência e vontade humanas* no projeto do adestramento não as fomenta, mas as reduz ao modo de ser da energética à *racionalidade cerebral*, cujo fomento e desenvolvimento está no horizonte do sentido do ser próprio do processamento dos materiais, dos recursos humanos para a produção optimal, ao serviço da tecnologia de autoasseguramento da autointerpretação do homem como sujeito e agente da realidade nas suas realizações, no cálculo e agenciamento.

vontade! Como é que se contrabandeou sem mais nem menos *inteligência* e *vontade* na vida *ativa*? Entrementes, frei Egídio está falando de *vida* ativa e *vida* contemplativa. Aqui é necessário não esquecer que, para o medieval frei Egídio, *vida* significa *vida humana*, isto é: *existência*. Ao falar da vida enquanto *existência*, que é o ser próprio da vida *humana*, Egídio não está pensando na vigência da vitalidade vegetal, nem animal, mas *racional*, segundo a definição medieval do homem como *animal racional*¹⁰. No *racional* nomeado nessa definição está subentendida como realidade da realização essencial, tanto a *inteligência* como a *vontade* num grau excelente¹¹. Por isso diz Egídio no capítulo da Ciência útil e inútil¹²: “*O sumo de toda ciência é temer e amar a Deus*”. *Temer* é o *timor Domini* do Salmo 110: *Initium sapientiae timor Domini* (O início da sabedoria é o temor do Senhor). *Temor* aqui se refere à reverência que marca o início de referência da dimensão do saber à dimensão da sabedoria¹³. Essa referência não é propriamente passagem. Passagem como transição só é possível entre ente e ente de uma determinada dimensão. Pois dimensão indica uma totalidade. Entre totalidade e totalidade não há passagem. Para que haja passagem, dever-se-ia sair de uma totalidade e entrar numa outra.

10. Cf. a ordenação medieval do universo em ser-coisa (substância); ser-vegetal (anima); ser-animal (sensibilitas); ser-homem (animal rationale); espírito etc. A definição *animal rationale* medieval é tradução do grego *tò zōon lōgon échon* (o vivente atinente ao lōgos). *Animal* aqui não significa bruto, mas sim *animus*, vigência do ânimo (=vivente) impregnado pela *ratio* ou *spiritus*. É anacronismo entender *ratio* e *rationale* dos medievais como se fossem idênticos com a razão e o racional do racionalismo moderno, na acepção pouco analisada da essência da razão.

11. Por isso, não é muito clarividente opor ao racional dos medievais o irracional, classificando p. ex. *vontade*, sentimento, coração, afetividade etc. como irracionais. Com isso, nos equivocamos tanto em referência ao racional como em referência ao não racional, compreendendo tanto um como o outro dentro do horizonte do racional entendido a modo racionalista (irracionalista).

12. EGÍDIO DE ASSIS, *op. cit.* p. 55.

13. “Grosso modo”, em vez de *dimensão*, podemos também usar o termo *horizonte* ou *mundo* ou até mesmo *ser*. Não há passagem entre *dimensão* e *dimensão*.

Se posso sair ou entrar na totalidade, a totalidade em questão não é totalidade. Numa totalidade se está já sempre nela. Se há aqui de algum modo uma referência de uma dimensão a uma outra, ela é algo como ressonância no âmago de uma dimensão que levada à plenitude de sua consumação dá espaço dentro da própria dimensão à interioridade como sensibilidade à flor da pele na plenitude da totalidade, em cuja interioridade principia o aceno da outra dimensão. No saber, essa sensibilidade¹⁴ é *temer*, no querer é *amar*. Portanto, exercitar-se fiel e devotamente, através da vida ativa e estar no uso da vida ativa, com empenho e toda solícitude, pressupõe e exige que se esteja no pleno uso da responsabilização pelo saber e querer, pela compreensão e volição, pela inteligência e vontade que pertencem essencialmente ao ser, próprio do homem, no seu perfazer-se como existência humana. E isto de tal modo *ativo* que se esteja na plenitude da consumação do saber e do querer do engajamento pela vida (leia-se existência) ativa da opção de uma vocação. Ali, então surge o espaço de sensibilidade do *temer e amar*, início da sabedoria, do prelúdio da vida (leia-se existência) contemplativa. Exercitar-se no temer e amar, portanto, na compreensão e na volição ou na inteligência e na vontade até a sua consumação se chama *aprendizagem*. Nessa aprendizagem, toda a ação que atua numa obra sempre reverte no crescimento de quem aprende, de tal modo que, faça ele o que fizer, a própria ação não é outra coisa do que se perfazer na obra per-feita do crescimento de si como existência. Isto é bem diferente do adestramento, no qual a energia da ação se esvai no objetivo e na coisa produzida. O perfazer-se em e como obra, e permanecer sempre atento a esse modo de ser, para não se dispersar no desgaste da energia de ser e tornar-se, distraído do modo próprio de

14. Cf. em Nicolau de Cusa, a experiência do que ele chama de *docta ignorantia*, e *coincidentia oppositorum*. Cf. Nicolau de Cusa, *De docta ignorantia*, *Philosophische-Theologische Schriften*, Studien- und Jubiläumsausgabe, lateinisch-deutsch, Band I, Wien: Verlag Herder, 1982, pp. 191-297.

ser ativo, é o trabalhar, o exercitar-se *fiel*¹⁵ e *devotamente*¹⁶. Alguém que nesse modo de se trabalhar a si mesmo, isto é, quem se exercita através da vida ativa, entra no *uso* da vida ativa. O uso aqui, a utilidade, o útil, não tem conotação de um *instrumento*. Estar no uso não significa, portanto, estar empregando, utilizando a vida ativa como meio para um fim ou como instrumento, na acepção atual da palavra *instrumento*. Para o medieval, *útil* significa bom, perfeito, estar na “bondade”, na perfeição, isto é, na plenitude, no ponto de sua serventia. Serventia aqui não é propriamente um meio para o fim de um projeto predeterminado para um objetivo, mas sim *ser confiável* na identidade de algo ou de alguém que está à disposição, a serviço de. Em português a palavra *servir* se presta a indicar esse modo próprio de ser bom, perfeito e confiável na serventia, quando dizemos: “aquela pessoa é muito boa e caridosa, e tem um grande desejo de *servir* aos pobres, mas ela não *serve*¹⁷, pois não percebe que sua caridade e seu desejo, no fundo, são uma espécie de autocompensação”. Para o medieval, o humano que é *bom*, útil e perfeito é aquele que *dá no couro*, isto é, se trabalhou a si mesmo, positiva e cordialmente, com fidelidade e dedicação, corpo a corpo, como se trabalha ao perfazer uma obra. Ser tomado por esse modo de agir, esse modo da dinâmica de ação é estar *no uso* da vida ativa.

Resumindo o que viemos dizendo até agora, portanto, a admoestração, a exortação inicial do texto de Egidio entende por vida ativa a

15. Fidelidade nada tem a ver com fixação de um bitolamento ideológico de um ideal ou de uma causa como projeção fanática (de fã) da própria subjetividade, a que se apega como táboa de autoasseguramento. Fidelidade é estar assentado, enraizado numa confiabilidade à dimensão a que se pertence, de tal sorte que não se deixa continuamente des-locar do seu fundamento, em tentativas arbitrárias, vãs, aflitas por dúvidas e desejos ensimesmados na subjetividade do eu.

16. *Devoto* do *devotamente* não se refere à devoção na acepção do devocionismo nem piedade na acepção do pietismo, mas sim ao *voto*, disposição da decisão clara como querer dedicar-se inteira e incondicionalmente a.

17. Numa linguagem popular dizemos: não dá no couro.

existência humana, na qual se tem pleno conhecimento de como se deve trabalhar a si mesmo em tudo que se faz e não se faz, em tudo que se é e não se é.

Mas, em que consiste o pivô dessa existência que recebe a qualificação *ativa*, cujo ser é *ser-ativo*? Como resposta, frei Egidio formula o texto acima citado que começa: “*É de boa vida ativa*” e vai até “*se encontras graça na oração, reza; se não encontras graça, reza, porque Deus também aceitava pelos das cabras no holocausto*” (Ex 25,4).

Destaquemos do texto alguns pensamentos importantes.

É *ativo*:

- Aquele que, *se fosse possível*, faria *tudo* ou *mais do que tudo*.
- Aquele que se exercita com cada vez mais fervor em toda e qualquer obra como aquele que não quer nem deseja e nem espera nenhum mérito nesse mundo. Dito de outro modo: como aquele que não espera nenhum prêmio terreno, mas sim, o eterno.
- Aquele que tem como exemplos da vida ativa a Marta¹⁸ e o próprio Deus¹⁹.

Fazer tudo ou mais do que tudo, se fosse possível indica uma disposição de prontidão para assumir a totalidade do compromisso, de antemão, com total generosidade e gratuidade da liberdade. Usualmente o limite da possibilidade é impossibilidade. Se entendermos a liberdade como ser ou estar *livre de* impedimentos, liberdade significa apenas ser espontaneamente, digamos, instintivamente “natural”, sem nenhuma coação, delimitação ou imposição, assim solto na necessidade vital. Aqui a impossibilidade condicionada pela necessidade vital impede a possibilidade. Posso entender no texto de frei Egidio a frase condicio-

18. Marta que, solícita em servir bem ao Senhor, d’Ele recebe reprimenda, ao pedir a ajuda da irmã. E, no entanto, não deixou de fazer a boa obra.

19. Deus, que *também aceitava pelos das cabras no holocausto*.

nal “*se fosse possível*” nessa acepção. Mas posso entender essa aparente delimitação da possibilidade, formulada na frase condicional “*se fosse possível*” de modo bem diferente. Como? Em que sentido? No sentido da dinâmica da *essência da liberdade* como *ser disposto para*. De que se trata, pois? É interessante observar a dinâmica da disposição para o *faz o que pode*. Mas aqui *pode* não significa *possibilidade* no sentido usual de não estar delimitado por, impedido, ou não estar livre de. Significa o que os gregos denominavam de *dynamis*, isto é, o dínamo do agir, a dinâmica da ação de perfazer-se e perfazer a obra, ou numa formulação diferente, o *querer agir*. Aqui *compreender e querer ou simplesmente querer coincide com agir ou fazer*. Num modo banal se diz: quis, fez. Mas, e... se não pode fazer? Não deixa de querer fazer, isto é, aumenta o desejo de querer fazer, de fazer, o mais cedo possível, logo que puder. Ou melhor, enquanto não pode fazer, não fica de braços cruzados, começa a buscar alternativas, modalidades, estuda²⁰ de todos os modos para ver o que se pode fazer, por mínima ou nula que seja a chance de fazer²¹. E se não pode fazer nada por enquanto, aumenta a ação de jamais se esmorecer no querer, continua dinamizando o querer, a ponto de o querer nessa espera se adensar em direção ao ponto de salto. Esse modo de ser da liberdade-para ou disposição-para, recebe em Egídio o nome de *fé*, que em latim é *fides*, que não significa propriamente fé no sentido de crença, mas sim fidelidade²².

Entrementes, *fidelidade* não pode ser compreendida a não ser dentro da dimensão, onde está em casa o sentido do ser que é o próprio do “relacionamento” “inter-pessoal do encontro”, como sói se dar na dimensão da existência humana, na sua profundidade, a mais íntima e abissal. Esse característico todo próprio do ser da fidelidade está expresso no texto de Egídio como agir por agir; jamais deixar de agir; agir, não por causa de um prêmio terreno, mas sim de um eterno.

20. Usa a cabeça, isto é, aciona a potência chamada inteligência da melhor maneira possível: é o ativo do saber.

21. É o ativo do querer.

22. Cf. EGÍDIO DE ASSIS, *op. cit.* p. 6-8.

Aqui pode nos surgir uma dúvida. Esse alguém chamado o ativo, cuja ação é de tal modo que, se fosse possível, faria tudo e mais do que tudo; continua agindo, mesmo que não receba nenhuma recompensa nem reconhecimento, portanto, esse alguém não estaria, no fundo, numa postura interesseira, na qual de antemão tem por objetivo final, receber o prêmio de Deus? Mas, se, nem Deus o recompensar? Se o castigar por causa da sua fidelidade e seu empenho? Responde frei Egídio: o homem ativo continuaria agindo, com maior fervor, ainda mais e cada vez mais, pois tem por exemplo a Marta, a mestra da *vida ativa* e principalmente a Deus, sim a Ele próprio, cujo modo de ser está expresso na admoestação: “*Se encontras graça na oração, reza; se não encontras graça, reza, porque Deus também aceitava pelos das cabras no holocausto*” (Ex 25,4). Isto quer dizer: Deus, quando recebe de nós holocausto, Ele, na imensidão, profundidade e na cordialidade da sua gratuidade, isto é, da sua liberdade, se abre a nós com toda a dinâmica ativa do seu bem querer, portanto da sua boa vontade, de tal modo que inala e aspira com gosto tanto o cheiro agradável de um churrasco como o fedor horrível de pelos queimados, isto é, todas as nossas boas e más vontades, “de lambuja”.

Que tal, se essa *positividade* da *boa vontade* divina na sua dinâmica de doação de si, simples, imediata e sem porquê for *Vida Ativa*? Aqui o *sem porquê* não significa *irracional*. Pelo contrário se refere à clarividência da compreensão acerca da identidade da essência do homem como *imagem e semelhança de Deus*, na dinâmica ativa da inteligência e vontade, do saber e querer, na sua consumação, do *temer* e *amar*. Vida ativa é viver no modo de ser e trabalhar da generosidade da liberdade jovial divina que está em toda parte, cuidando, sustentando, servindo a tudo quanto é e pode ser. Por isso, se alguém quiser chegar-se a Deus, na contemplação, e querer conhecê-lo na intimidade abissal *da sua liberdade*, é necessário, custe o que custar, exercitar-se, de todo o coração, todo o tempo, sempre de novo na vigência ativa da positiv-

dade do modo de ser da boa vontade divina que está nele, ou melhor, é a essência da sua existência²³.

Se a *vida ativa* é tudo isso que frei Egídio de Assis nos expõe, como deve ser então a atividade da pura e límpida recepção da gratuidade e cordialidade da liberdade divina, a contemplação? Talvez, enquanto permanecermos na colocação da *vida ativa* e da *vida contemplativa* como oposição, complementação ou equilíbrio entre as duas, como possibilidades, uma ao lado, em cima ou debaixo da outra, jamais possamos suspeitar de que se trata quando dizemos *vida ativa* e *vida contemplativa*.

23. Esse exercitar-se, para Egídio, é decisivo e de importância tão grande que ele pode se indignar e começar a vociferar à la italiana, se alguém faz pouco caso desse tesouro precioso. Um dia alguém se aproximou de Frei Egídio e lhe disse: “O que faço para sentir a suavidade de Deus?” E Egídio: “A ti, Deus, alguma vez, te inspirou boa vontade?” “Ora, muitas vezes...!”, respondeu o homem. Egídio começou a vociferar: “Por que, então, não guardaste aquela boa vontade que te conduziria ao bem maior?!” (Cf. EGÍDIO DE ASSIS, *op. cit.* p. 70).